



Após se formar em 1949, o jovem engenheiro Álvaro Rizzi ingressou na Cia. Sul Mineira de Eletricidade - que chegou a ser a maior empresa de energia elétrica do país. Ali foi trabalhar com o Prof. João Baptista Ricci, que na época dirigia a montagem de duas usinas. Sua atuação na Cia. Sul Mineira só não agradou os alunos do IEI porque, conhecedor dos "gatos" instalados nas Repúblicas, logo acabou com todas as suas ligações clandestinas, e ainda transferiu os medidores de energia das Repúblicas para o alto dos postes de distribuição de energia.

Dois anos depois, foi convidado para integrar o corpo de docentes do IEI, sem deixar suas atividades na Sul Mineira. Decisão que teve o apoio de Vidal Dias, que era, ao mesmo tempo, Diretor Técnico da Cia. Sul Mineira e Vice-Presidente da Fundação IEI, entidade mantenedora da Escola, de 1956, ano em que foi federalizada.

Durante os anos em que foi professor no IEI e EFEI, o Prof. Rizzi não poupou esforços, para dotar seus laboratórios de instalações necessárias às suas aulas práticas, seja por meio de recursos

## PROF. ÁLVARO PEREIRA RIZZI

do governo federal ou através de doações da própria Cia. Sul Mineira, GE e outras empresas fabricantes de equipamentos elétricos.

Mesmo em circunstâncias de sobrecarga de trabalho, assim como durante os dois anos que antecederam a federalização - período em que a Escola não teve condições de pagar seus professores - o Prof. Rizzi sempre se desdobrou e atuou com a mesma competência e dedicação, quer no IEI ou na Cia. Sul Mineira, empresa que só deixou em 1968, quando de sua encampação pela CEMIG.

Depois de mais de 37 anos como professor de nossa Escola, o Prof. Rizzi se aposentou sem nunca ter perdido sua paixão pela arte de ensinar. Tanto assim que, mesmo aposentado, continuou ministrando aulas no INATEL em Santa Rita do Sapucaí. E, segundo suas próprias declarações, diante de uma classe de atentos alunos, chegava a lastimar ao se ver obrigado a encerrar sua aula.

No INATEL foi professor durante 25 anos, de várias disciplinas, na maior parte do tempo como

professor de Controles e Servomecanismo, no curso de Engenharia Elétrica/Eletrônica.

Mesmo afastado profissionalmente da nossa Escola, o Prof. Rizzi sempre esteve presente em todos os eventos que a envolviam, assim como nas muitas comemorações de aniversário de formatura que se realizam em Itajubá, em muitas delas como homenageado.

Seu falecimento, em 26 de maio último, causou grande comoção a todos que o conheceram e, especialmente, entre os que foram seus alunos e muito o admiravam pelas suas qualidades, como professor dedicado e de grande talento, assim como de cidadão exemplar.

Como forma de prestar-lhe nossa homenagem, reproduziremos aqui pequenos trechos da longa entrevista que concedeu ao nosso colega Paulo Roberto Vilela Pinto, publicada em 2006 no livro "A Mão e a Luz 2 - Memórias da distribuição da energia elétrica" - uma grande contribuição por ter sido ele um dos maiores conhecedores da história do desenvolvimento da energia elétrica no país, assim como a de nossa Escola.

" Vim de Piracicaba. Aqui cursei o 2º. e o 3º. ano do curso Colegial para ingressar em 1945 no Instituto Eletrotécnico de Itajubá. Formei-me no IEI no dia 17 de dezembro de 1949, casei-me dia 20 de dezembro e no dia 1º. do ano seguinte comecei a trabalhar na Companhia Sul-Mineira de Eletricidade. A empresa funcionava no mesmo prédio hoje recuperado pela Cemig, na Rua Cel. Carneiro Jr., construído em 1929 pela antiga Cia. Industrial Força e Luz, mais tarde, exatamente em 1943, encampada pela Sul-Mineira. A imensa fábrica Codorna (de tecidos) pertencia à Cia. Industrial Sul-Mineira.

Quando fui convidado pelo Prof. Antonio Rodrigues d'Oliveira para lecionar no Instituto, as minhas aulas deveriam ser de Hidráulica e Descritiva. Posteriormente, passei a lecionar Termodinâmica e Descritiva, substituindo na primeira o Prof. Richard Bran, que passou aquele ano na Alemanha. Tendo regressado da Europa, o Prof. Bran reassumiu a cadeira de Termodinâmica. Novos acontecimentos, então, me levaram a assumir a cadeira de Eletrotécnica, desta vez para substituir o Prof. Schmidt, que se afastou do magistério. Nessa época ainda auxiliei o Prof. Raimundo Carneiro nas aulas de laboratório de Máquinas Elétricas.

Na empresa Sul-Mineira encontrei muitos estímulos para desenvolver a matéria lecionada, em Eletrotécnica. O contato diário com problemas de circuitos trifásicos desequilibrados na Sul-Mineira me levou a desenvolver esse assunto com mais profundidade nas minhas aulas. O mesmo aconteceu quando introduzi os estudos dos componentes simétricos na disciplina de Eletrotécnica. O meu serviço na Sul-Mineira requeria que eu fosse me aprimorando, conhecendo técnicas novas, adquirindo novos conhecimentos que iam sendo levados para a sala de aulas. E assim foi até eu me aposentar, nessa ocasião lecionando Medidas Elétricas e Magnéticas."

" Eu vi dia desses na TV, no programa Bom Dia Brasil: um industrial americano doou 300 milhões de dólares para a Universidade de Nova York. Lá é um hábito muito comum o ex-aluno que progrediu na vida retribuir com doações. Exatamente o que houve aqui. A Cia. Sul-Mineira de Eletricidade entrou com 500 contos de réis e outros 500 contos de réis foram contribuição da Cia. Industrial Sul-Mineira. O Dr. Vidal Dias (ex-aluno formado na segunda turma do IEMI) era membro da Diretoria das duas empresas, sendo o presidente desta última o Dr. Wenceslau Braz. Em seguida instituíram a Fundação Instituto Eletrotécnico de Itajubá, para a qual repassaram todo o acervo do estabelecimento. Essa Fundação existiu até o ano de 1956, quando transferiu, sem qualquer ônus, ao patrimônio federal, o acervo do Instituto. A escritura de tombamento foi celebrada nos salões do Grande Hotel, com a presença do Diretor de Ensino Superior do MEC."

" Não se pode fazer pesquisa só na escola, tem-se de fazer pesquisa junto à indústria, e a indústria não pode prescindir do apoio acadêmico. A escola não dispõe dos recursos, no maquinário da indústria. Acho que esse intercâmbio - entre as empresas e universidades - tem de existir sempre. Se estou na escola, me vejo na obrigação de ensinar coisas que estão acontecendo fora, isso é importante, não se pode dissociar, do contrário a escola perde o valor. Até hoje recebo manifestações de meus ex-alunos dizendo que aproveitaram muito minhas aulas, que aplicam muito o que aprenderam."

"Há também a questão da extensão do conhecimento, de conhecer o passado das coisas. Eu acho importantíssimo você reunir esse material todo, para ilustração dos que vierem, sobre como eram desenvolvidos os trabalhos, o que era ser um profissional da área da energia elétrica.

Gostei muito e recordo sempre de uma palestra de Aureliano Chaves falando sobre o passado e futuro. Aureliano era engenheiro formado no IEI e foi professor de Estradas e Topografia na escola por um ano. Começou sua carreira numa empresa construtora de estradas e participou da construção dessa estrada de Brazópolis. Ele dizia o seguinte: para se fazer uma visada para frente, tem-se de fazer primeiro a visada de ré, para amarrar o alinhamento. É essa visada de ré que eu quero deixar, para que sirva de orientação para os futuros engenheiros."

Agora, uma visada de ré, entre tantas outras de seu depoimento:



" As duas primeiras máquinas da usina Luiz Dias foram inauguradas em 1914. A terceira máquina entrou em funcionamento em 1918. Foi construída para gerar energia para a Fábrica Codorna, mas a usina ficou pronta antes da fábrica, e assim, no primeiro ano de funcionamento não havia carga durante o dia. A carga era exclusivamente de iluminação. Havia uma pequena subestação aqui em Itajubá.

O electricista encarregado, Sr. Joaquim da Luz, como era chamado, ficava na cidade. Às cinco horas da tarde o Sr. Joaquim telefonava para a usina e pedia ao chefe, Dr. Adolfo Tibst: "Seu Adolfo, pode soltar as máquinas aí que tá chegando a hora". Então ligava a linha que trazia energia para a iluminação da cidade. Na verdade, Itajubá já contava com energia elétrica desde 1907, mas gerada numa outra pequena usina na Serra dos Toledos, de 250 kVA, há muitos anos desativada.

O fornecimento durava por toda a noite. Posteriormente, com a entrada em funcionamento da Fábrica Codorna, o serviço se normalizou pelas 24 horas do dia.

Um fato interessante, todavia, veio a acontecer em 1943, no mês de agosto, uma semana após a aquisição da Cia. Industrial Força e Luz pela Cia. Sul-Mineira de Eletricidade: rompeu-se o canal condutor da usina Luiz Dias. Ficamos em Itajubá, então, 45 dias sem energia elétrica. Mas nesses dias em que a usina Luiz Dias esteve parada, o grupo diesel -alternador de 48 kVA do Instituto prestou inestimável serviço à cidade. O Prof. João Baptista Ricci era, então, aluno do terceiro ano do Instituto e, como monitor da cadeira de Máquinas, punha diariamente o grupo diesel para funcionar e atender os serviços de utilidade pública, alimentando, inclusive, o serviço de bombeamento de água para a cidade de Pedralva. À noite funcionava para movimentar as padarias e também o Cine Apollo."